

CENTRO DEMOCRATICO
Doutor Affonso Costa
N.º 384

23 MAI 1918



UNIÃO FIGUEIRENSE

ORGÃO
do
CENTRO DEMOCRATICO
D. AFFONSO COSTA

Redactor — José Miguel F. David
Propriedade da empresa União Figueirense

Sob a direcção das comissões politicas do
Partido Republicano Portuguez
O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO
NO NORTE DO DISTRITO DE LEIRIA

EDITOR — Manoel Henriques
ASSINATURAS

Portugal e colonias, ano 1520; — Estrangeiro 2500
Numero avulso, 505. Anuncios, preço convencional
Redacção — Tp. Reis Gomes — Coimbra
Composto e impresso na Tip. Reis Gomes — Coimbra

JULGAMENTO DEFINITIVO!

Não ha nada mais custoso para quem tem de comunicar com o publico do que subordinar o pensamento á vontade caprichosa de terceiro.

Nós, que não somos jornalista — e nos reconhecemos mesmo qualidades negativas para exercer essa alta missão — que, com raras e honrosas exceções, tão mal compreendida e desempenhada vem sendo, avaliamos hoje as enormes dificuldades com que os profissionais lutam para não verem os seus escritos mutilados pelo implacavel lapis dos censores.

A censura previa, como medida restritiva, que é, da liberdade de pensamento, só se justifica em circunstancias anormais — quando, com a publicação de determinadas noticias, possam perigar os altos interesses do Estado. Fora d'estes casos, o exercicio da censura é um crime, porque se ofende um legitimo direito do cidadão — direito tão sagrado e respeitavel, que faz parte da sua personalidade. E' um crime que se pratica sem responsabilidade, e por isso mesmo mais revoltante do que aquele que nos tribunais tem sanção penal. E' a sujeição completa do pensamento humano ao arbitrio de individuos, que tantas vezes esquecem as mais elementares normas da probidade e do caracter, para darem largas á mais espantosa incompetencia e obstinação em não compreenderem o que os outros escrevem.

Mutila-se um escrito por capricho, por odio e até por garofice. Havemos de concordar que os senhores censores, determinadamente na vida mesquinha dos pequenos meios, onde as paixões atingem proporções extraordinarias, não fazem, em regra, ideia nenhuma da responsabilidade da missão que desempenham.

Nascida d'uma lei de exceção, que a torna duplamente odiosa, a censura, para se exercer sem escusados e impertinentes vexames, requer certas qualidades de probidade, de caracter e de honra, que não se encontram por aí a cada passo.

O respeito pelos direitos alheios, como base primaria da organização social, impõe-se como um dever a que ninguém pode faltar, sob pena de se quebrar a harmonia indispensavel nas relações mutuas dos cidadãos.

Este principio, que é elementar nos espiritos cultos e de solida educação, é entre nós quasi sem-

pre esquecido. Toda a gente fala em direitos, mas poucos se lembram que ha igualmente deveres, em intima correlação com aqueles.

De harmonia com os principios que nos orientam na nossa maneira de proceder e respeitando os motivos que de algum modo possam justificar o estabelecimento da censura, vamos hoje, pela primeira vez, sujeitar-nos ao julgamento de pessoas que não sabemos quem sejam — nem isso nos importa, seja dito de passagem — e que certamente não terão grande dificuldade em lavar com o irresponsavel lapis azul uma... sentença justa.

Quer nos conformemos ou não com a decisão, podem os senhores censores ficar certos de que... d'ela não interponemos recurso, mesmo porque Cesar, contemplando a sua obra do alto da sua olimpica omnipotencia, não se daria ao incommodo de nos escutar... ao menos com um dos seus preciosos ouvidos, já que o outro está em alerta permanente, para o que der e vier. Até o esquerdo, apesar de ser agoirente, nos servia...

Entendidos a este respeito, precisamos deixar desde já esclarecido que, nem ao de leve, tocaremos em assuntos que se prendam com a segurança e estabilidade do Estado, fazendo sómente uma critica serena e desapaixonada dos acontecimentos politicos de ordem interna.

Que Cesar e os deuses nos perdoem uma ou outra beliscadura que venham a apanhar por tabela...

Seja como for, nada, a não ser o arbitrio em que estamos vivendo, justificará aquilo que porventura for cortado.

Posto isto, mãos á obra.

A situação creada pela aventura de dezembro está definitivamente julgada pela opinião publica que a condenou d'uma maneira clara e formal, abstando-se de concorrer ás urnas. O eleitorado consciente não quiz colaborar n'essa comedia, a que irrisoriamente chamaram eleições.

Esta era, de facto, a unica atitude que a dignidade politica da nação impunha.

Não foi o receio d'uma derrota perante as urnas que levou os republicanos á abstenção. Os factos demonstram á evidencia que a grande maioria do paiz estava com eles, garantindo-lhes um triunfo

incontestavel. Se os partidos constitucionais da Republica tivessem procedido de outro modo, apresentando ao sufragio candidaturas suas, reconheciam ipso facto a legalidade da situação, e assim se afundavam n'este mar de lama.

O unico caminho coerente e patriótico era aquele que foi adotado.

O governo fez tudo quanto humanamente era possivel para evitar a propaganda republicana.

Ficou só em campo, com os monarchicos, seus amigos e aliados.

Estes gosaram — e gosam — da maxima liberdade.

Deu-se lhes pulso livre para sobre os partidos republicanos cuspirem todos os insultos e afrontas, caluniando, como de costume, os seus homens mais prestigiosos, e arrebanharem por esse paiz fóra as massas de analfabetos, que não têm a menor noção dos seus direitos civis nem a minima consciencia do que fazem. Para cumulo d'uma tão ignominiosa situação, fizeram-se escandalosas chapeladas, tal qual como no tempo da Azambuja e do Peral.

Lembram-se do que então se fez para pôr os republicanos fóra do parlamento e dos protestos que isso levantou?

Agora fez-se peor, muito peor.

Diga-se o que se quiser, n'esse tempo havia mais decore e mais dignidade, porque ao menos respeitavam-se as apparencias.

Estava-se em monarchia, e os republicanos faziam os seus comícios, onde os politicos e o rei eram discutidos com ardor, sofrendo, por vezes, criticas acerbas.

O povo, pela voz dos seus tribunhos, conhecia os podres do regimen, que entrava em decomposição.

Funcionavam livremente os centros e associações republicanas, embora se soubesse que aí se conspirava contra a vida do regimen.

Algumas violencias se praticavam, mas elas podem justificar-se como medidas de legitima defesa.

A monarchia era atacada — defendia-se, era logico.

Era o seu direito, e até o seu dever. Ninguém lhe podia levar isso a mal.

Hoje — dizendo-se que ainda estamos em republica — faz-se contra os republicanos a mais feroz perseguição.

E' uma situação obnoxia, absurda e deprimente — mas é assim.

Em pleno periodo eleitoral adotaram-se contra a imprensa odiosas medidas de exceção, prenderam-se oradores quando iam fazer

Ecos & Noticias

Caloteiros

Nas vespas das ultimas eleições, foi esta vila rigorosamente vigiada de noite por cabos de policia, comandados pelo respectivo regedor, a quem prometeram uma determinada gratificação por noite.

A vigilancia exercia-se de preferencia ao Centro Democratico e á residencia do preto, que, como é notorio, tem cometido muitos roubos verdadeiramente escandalosos e que por isso receia um justo castigo.

Os pobres cabos, queixam-se de que até hoje não receberam um unico centavo por tal serviço.

Pois paguem-lhe que o dinheiro que o gatuno do preto tem escamoteado, gata bem para lhes pagar.

Para a outra vez o ladrão não tem quem lhe guarde as costas.

Pague-se, pois, aos homens!

No seu campo

O «Figueirense», de que é proprietario o sr. Joaquim de Araujo Lacerda Junior, continua elogiando e aplaudindo o atual governo e a sua obra, e ataca rigorosamente os tres Partidos da Republica, n'um dos quaes ele se achava filiado, até a ser escolhido para dirigir os interesses d'aquela Partido no nosso concelho.

O sr. Joaquim de Araujo Lacerda Junior, recebeu inumeros favores do Partido Evolucionista, mas, sem motivo, ao que nos informam, abandonou aquele Partido, acentuadamente, desde o triunfo da aventura de dezembro.

O sr. Joaquim Lacerda, é no fundo, um retinto monarchico, mas por conveniencias partreulares e politicas, declarou-se evolucionista, continuando porem recebendo ordens do srs. drs. José Jardim e José Eduardo Simões Baião.

O sr. Lacerda, está pois agora no seu campo!

Preto, Petas & C.ª

O refinadissimo gatuno do preto que continua passeando livremente pelas ruas da nossa linda terra, com disprimor dos figueirenses, dignos,

conferencias de propaganda republicana, atacou-se a tiro uma assembleia de estudantes, que se propunham formar um bloco de defesa da Republica, sendo em seguida os promotores d'essa reunião presos, enxovalhados e perseguidos, como se fossem autenticos bandidos.

A' mistura com vadios e criminosos de varia ordem deportam-se, sem qualquer forma de processo nem julgamento, prisioneiros politicos, conhecidos como bons e sinceros republicanos.

E' um processo suave de se

de tal nome, lá vae de chapu na cabeça e impunemente roubando os incautos que dele se abeira m.

Por mais duma vez quizemos mostrar as proezas do autentico ladrão, mas o seu colega Petas que tambem tem rascas na assadura, servindo da tinta encanada que a aventura de dezembro lhe confiou, não deixou que elas viessem a publico.

O preto rouba e o Petas encobre. São dignos um do outro.

Mas o cantaro...

«União Figueirense»

Por doença do nosso tipografo que ainda se encontra de cama em estado um tanto grave, não se publicou o nosso jornal na ultima semana.

Para correspondermos á benevolencia e bom acolhimento que nos tem dispensado os nossos presados e numerosos leitores, resolvemos, embora com enorme sacrificio, publicar o em Coimbra enquanto durar a doença do nosso empregado, motivo porque na presente semana sairá mais tarde, do que pedimos desculpa aos que nos lêem.

De futuro continuará ele a ser publicado com a costumada regularidade.

A censura

Por ordem superior ultimamente conhecida, os jornais ficam doravante, sujeitos a 2 censuras, sendo uma no quartel general e outra na sede do concelho onde se publicam.

Ao que a imprensa republicana portugueza havia de chegar!

Os jornais affectos á triste situação em que nos encontramos são certamente excluidos de tal medida.

Era melhor publicar um decreto suspendendo todos os jornais republicanos.

Era mais sumario, não acham?

A proclamação

No dia da espiga, foi proclamado o sr. Sidonio Paes, que os monarchicos elevaram a presidente da Republica.

Parece porem que as amizades entre uns e outros estão cada vez mais frias tendo já os ultimos rompido fogo contra o primeiro, estando-se por isso em vespas de grandes acontecimentos que os monarchicos já anunciam na sua imprensa.

Vamos a ver em que dá tudo isto!

pôr em execução o programa da celebre Junta de Salvação Publica... cujos membros o governo ainda não conseguiu descobrir... apesar dos esforços do sr. Machado Santos, que, segundo se diz, não tem descansado um momento para pôr tudo em prazos limpos...

Esta foi a liberdade que os republicanos tiveram no chamado periodo eleitoral.

Alem disso, á sombra duma lei monstruosa, que é a negação completa dos principios democra-

ticos e muito mais ignobil do que a sua saudosa ascendente... a ignobil porcaria, cometeram-se verdadeiras burlas, recenseando-se tudo quanto neste paiz ha de inconsciente e ignorante. Os eleitores, que nas urnas podiam com independencia fazer uma affirmação de principios, ficaram moralmente impossibilitados de pôr os seus sufragios em confronto com os da aluvião de analfabetos que veio cobrir os recenseamentos.

Estabeleceu-se assim o regimen da corrupção e do suborno, porque é precisamente dentro das massas inconscientes que o dominio dos influentes eleitoraes pode exercer-se com efficacia.

Era este o plebiscito que Paiva Couceiro propunha á Republica nos primeiros dias da sua existencia...

E foi com esses votos que se elegeram um presidente e uma assembleia constituinte!

Isto é uma entrada, que envergonha um paiz livre!

Apesar de tudo isso, das indecorosas chapeladas feitas em variadissimas assembleias e a aviltante defecção de individuos que, para garantirem situações e satisfazerem os seus interesses, falsamente se diziam republicanos, o governo e os monarchicos sofreram uma tremenda derrota.

Houve traições, e traições revoltantes.

Foi um bem. Poz-se á prova a sinceridade e o caracter de muita gente.

Os partidos constitucionais da Republica precisavam ser depurados d'esses elementos perniciosos e ficaram sabendo com quem podem contar de futuro.

Era necessario que caísse a mascara que encobria a perfidia d'esses individuos, porque eram, dentro dos partidos, elementos perturbadores e agentes de desmoralização.

Deixa-os ir, e que se afundem bem no mar de porcaria em que tudo isto vive.

Os que ficaram no seu posto de honra chegaram bem para conduzir a bom termo a obra de regeneração nacional em que estamos empenhados.

E' preciso não perder de vista que os transfugas de hoje hão de amanhã voltar com as mesmas simulações e falsidades, logo que os ventos mudem de feição.

Contra esta reviravolta — que é fatal — devem precaver-se os dirigentes dos partidos, sob pena de os sujeitarem aos mesmos perigos de desprestigio de que vinham sendo vitimas.

As agremiações politicas, para nelas ingressarem e se manterem as pessoas de bem, precisam ser revestidas d'uma grande força moral, e esta só é possível pela adoção de processos de indiscutível honestidade e por uma rigorosa selecção dos seus elementos componentes.

A aventura de dezembro deve produzir resultados beneficos na politica portuguesa. Pondo de parte os perigos que acarretou á nacionalidade e á Republica, só ha motivo para agradecer a obra dos revolucionarios.

O paiz tem vivido horas de dolorosa incerteza e atravessa uma epoca de profunda amargura, mas esperemos que o esforço dos verdadeiros patriotas salve esta terra da derrocada, que está eminente.

Os cinco meses que vão decorridos encerram uma dura lição, que jámais deve esquecer-se.

Contra republicanos honestos e que á causa publica têm dedicado o melhor da sua intelligencia moveu o governo a mais feroz perseguição de todos os tempos, com o fim evidente de inutilisar os partidos constituídos e á custa deles arranjar clientela que lhe podesse assegurar a existencia, que bem atribulada vem sendo, como justo castigo de incompreensíveis e desmedidas ambições.

Sem qualquer formalidade de processo encerrou nas prisões os homens mais em evidencia no partido democratico, mantendo os durante meses sob rigorosa incomunicabilidade e recusando-lhes sistematicamente o direito de defesa na miseravel campanha de difamação e calunia, que, com profunda revolta de todas as consciencias honestas, contra eles promoveu.

Os monarchicos, como inimigos constantes e permanentes do regimen, empenharam-se em dar toda a força a esta absurda situação, porque isso convém aos seus propositos, que eles não dissimulam. Como aliados do governo e primeiros interessados na liquidación das forças republicanas, não houve insulto, por mais vil e soez, que não lançassem sobre os adversarios que constituíam o mais sério obstáculo á realização dos seus designios.

Sem respeito pelos principios do decôro e da honra, que, sem quebra da dignidade pessoal, não podem ser postos de parte na vida politica, levantaram toda a casta de calunias, pretendendo mostrar que a administração do paiz tinha estado á mercê de autenticas quadrihas de salteadores.

O alvo foi principalmente Afonso Costa, que, por ser o mais forte, é o seu mais temível adversario.

O paiz aguardou com serenidade que os miseraveis destratores formulassem uma accusação concreta, que apresentassem factos e sobre eles fizessem uma prova clara e formal.

O tempo foi passando, e o governo nada mais fez do que lançar suspeitas vagas, sem o menor fundamento que as baseasse.

De tal modo, ficou-se sabendo, sem possível contestação, que os accusados administraram os dinheiros publicos com rigorosa honestidade.

Esta foi uma das immediatas consequencias beneficas que resultou da revolução de dezembro.

Em todos os seus actos o governo, com uma ferocidade inaudita, mostrou o proposito de destruir, pelo descredito dos seus dirigentes, os partidos organizados da Republica.

Se não o conseguiu, foi porque não ponde.

Isto é evidente, tão claro como a agua.

Quando levantou essa campanha de difamação e calunia, o governo sabia muito bem que lhe faltavam em absoluto as bases para estabelecer uma accusação, e, por isso mesmo, acaba de sofrer o justo castigo do seu odioso procedimento.

Pretendeu-se tambem atingir a figura prestigiosa de Antonio José d'Almeida, homem de inconcussa honradez e inexcedível lealdade, que no transe doloroso que a Patria atravessa tem revelado as mais respeitaveis qualidades de caracter, sendo ao mesmo tempo um patriota admiravel.

Eu — tenho muito prazer em confessar-lo publicamente — sinto

por este homem honrado um respeito profundo.

Não estou filiado no seu partido, mas isso de modo algum me impede de testemunhar a minha admiração pelas suas eminentes qualidades, fazendo votos por que nas possiveis vicissitudes da politica se não esqueça a justiça que ele merece.

A campanha movida contra essas illustres figuras da Republica foi definitivamente e em ultima instancia julgada pelo paiz, que ao governo infligiu uma tremenda derrota eleitoral, que é a condenação formal d'esta odiosa e absurda situação.

Alves Correia.

N. da R. O artigo do fundo foi o escrito para o numero do jornal que devia sair logo a seguir ás eleições e cuja publicação ficou suspensa por causa da doença do nosso tipografo.

Um crime

No penultimo numero do nosso jornal, noticiamos que o creado do sr. Joaquim de Araujo Lacerda Junior, encontrando a mulher do cidadão José da Conceição, mais conhecido por José Topinho, numa propriedade do seu patrão, á lenha ou ao mato, lhe arremessara uma pedra que lhe foi bater no ventre, e cuja pedrada lhe provocára um parto prematuro, pois a desgraçada andava no seu estado interessante.

Mais noticiamos que o sr. Joaquim Araujo de Lacerda Junior, tinha prometido ao creado que, se ali matasse alguém, ele o livraria de qualquer incomodo.

Esta noticia que então demos aos nossos presados leitores, confirmámo-la hoje em absoluto.

Porém, o sr. Lacerda, de lagrima ao canto do olho, vem declarar no seu jornal que tal noticia é absolutamente destituída de fundamento e que nós com ela tivemos em vista simplesmente fazer politica.

Já viram maior dislate?

O crime deu-se tal qual o narramos; e o desmentido, por parte do sr. Joaquim Lacerda, tem um fim que nós todos alcançamos.

Aguardamos os acontecimentos.

O negro

Dissemos aqui que o tal negro é um autentico ladrão, affirmação que temos mantido, mas a censura local, tem cortado tudo o que se refere ás ladroerias que o gatuno tem cometido.

Como, com a doença do nosso tipografo, o nosso jornal vae ser impresso em Coimbra, vamos dizer aos nossos leitores as ladroerias que ele tem praticado, para conhecimento daqueles que as circumstancias envolvam em questões afim de não cairem nas garras do salteador á bolsa das partes litigantes.

Aqui não se engole o que se diz.

Esperem, pois, e verão confirmado o que deixamos dito.

Revista de inspecção

No dia 16 do proximo mês de Junho, pelas 11 horas, ha-de ter lugar na administração do concelho, a revista de inspecção aos reservistas do nosso exercito, mas tão sómente aos que receberam instrução militar, devendo fazerem e acompanhar das respectivas ca-

dernetas militares e dos artigos do uniforme.

Para as reservas que não foram militares, ainda não foi marcado dia para tal revista.

Noticias pessoais

Joaquim Lopes da Paiva

Encontra-se ha dias na sua quinta do Ribeiro Travesso o nosso presadissimo amigo, sr. Joaquim Lopes de Paiva, importante capitalista em Lisboa.

A sua ex.^a apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos.

José dos Santos Abreu

Acomdanhado de sua ex.^{ma} esposa encontra-se nesta vila, de visita a sua familia, o nosso estimado amigo, sr. José dos Santos Abreu.

Adolfo Silva

Tambem aqui se encontra com sua ex.^{ma} esposa e filho, em visita a sua familia, o nosso particular amigo, sr. Adolfo Rodrigues da Silva, quintanista de Direito, de Vila Real de Trás os Montes.

Adolfo Figueiredo

Em propaganda da Companhia de Seguros "A Estremadura" esteve nesta vila, no ultimo sabado, o nosso presado amigo e correligionario, sr. Adolfo Figueiredo, de Ançião.

Agradecemos a visita.

Raimundo Jorge Colmbra

De passagem para Coimbra esteve nesta vila este nosso estimado amigo e correligionario, de Castanheira.

Manuel Correia de Carvalho

De regresso de Coimbra cumprimentamos nesta vila este nosso amigo, importante industrial em Castanheira de Pera.

De Africa regressou ha dias ao Mosteiro o nosso amigo sr. Joaquim Leitão Nunes.

Cumprimentamo-lo.

A tratar dos seus negocios estiveram nesta vila, tendo-nos feito a sua visita, o que agradecemos, os nossos amigos, srs. Antonio Vasconcelos Sousa Manso e Manuel Joaquim Inacio, de Arega; Manuel Henriques, da Ribeira d'Alge; Manuel Vicente Pedroso Neves, de Pedrogam Grande; Eduardo Dias de Carvalho, de Vila Facaia; Manuel Simões Junior, da Ribeira Velha; Paulo Rodrigues e Augusto Barata Salgueiro, ao Carregal; e Joaquim Coelho Nunes da Silva, da Graça.

A fim de tratar dos seus negocios encontra-se em Lisboa o nosso amigo sr. José Pedro dos Santos, conceituado comerciante nesta praça.

Para o mesmo fim tambem ali se encontra o nosso amigo, sr. Jeronimo Rodrigues Pinhão, industrial desta vila.

Acompanhado de sua esposa e filhos regressou de Coimbra o nosso amigo, sr. Joaquim Ferreira, importante comerciante nesta vila.

EDITAL

Serafim Pires Coelho David, Administrador do Concelho de Pedrogam Grande:

Faço publico que na Secretaria d'esta Administração, está aberto concurso por espaço de vinte dias a contar da presente data, por proposta feita em carta fechada, para o fornecimento do rancho aos presos pobres recolhidos na cadeia d'esta villa, que começará em um de julho proximo e finda em trinta de junho de 1919, procedendo-se á abertura das propostas no dia 31 do corrente pelas dese horas na Administração do Concelho da sede da Comarca, não sendo admitidas as propostas superiores a vinte e cinco centavos pelas rações diarias a cada preso. As condições e clausulas acham-se patentes n'esta Secretaria em todos os dias uteis e horas legaes, ficando as despesas da arrematação a cargo do adjudicatario. E para constar se passou o presente e identicos que vão ser afixados nos logares do costume. Administração do Concelho de Pedrogam Grande, 10 de Maio, de 1918.

O Administrador do Concelho,
Serafim Pires Coelho David.

EDITAL

Joaquim Carlos da Silva Graça, Administrador do concelho de Figueiró dos Vinhos.

Faço publico, que, na secretaria d'esta Administração, está aberto concurso por espaço de 20 dias, a contar da presente data, proposta feita em carta fechada, para o fornecimento do rancho aos presos pobres da cadeia d'esta Villa, que começará no dia 1 de julho proximo e finda em 30 de junho de 1919, procedendo-se á abertura das propostas no dia 28 do corrente, por 11 horas, n'esta referida secretaria, não sendo admitidas as propostas superiores a \$25 pela ração diaria a cada preso.

As condições e clausulas acham-se patentes n'esta secretaria em todos os dias uteis e ás horas legaes, ficando as despesas da arrematação a cargo do adjudicatario.

Administração do concelho de Figueiró dos Vinhos aos 8 de maio de 1918.

O Administrador do Concelho,
Joaquim Carlos da Silva Graça.

Sulfato de cobre, enxofre e adubos para sementeiras

Preços sem competencia.

Pedidos a

Godinho & Pinto

Figueiró dos Vinhos

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje um artigo do nosso presado colaborador sr. Fazenda Junior e uma carta do nosso solicito correspondente no Avellar, de que pedimos desculpa.